

Interações espaciais e diálogos

com transeuntes urbanos na
Área Portuária do Rio de Janeiro —
uma experiência humanística em
Geografia no início do século XXI

Spatial interactions and dialogues
with urban passersby in the
Port Area of Rio de Janeiro —
a humanistic experience in geography
at the beginning of 21st century

PAULO MAURÍCIO RANGEL GONÇALVES

Mestre em geografia e Especialista em políticas territoriais no estado do Rio de Janeiro pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Licenciado em geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Professor de geografia da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Rio de Janeiro (FAETEC) e da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME)

paulomauriciorangel@gmail.com

RESUMO: Com base nos preceitos da Geografia Humanística — vertente da Geografia que explora os dramas, alegrias, entusiasmos e decepções ocorridos no mundo vivido, no âmbito das relações do homem com o espaço — procuro investigar o poder da identidade e do pertencimento de alguns indivíduos da Área Portuária da cidade, marcadamente da rua Sacadura Cabral e do Morro da Conceição. Os lugares em foco atravessam um instigante processo de toporreabilitação, que transborda seus impactos no mundo vivido dos indivíduos, nos elos dos mesmos para com seus lugares de significado, plenos de simbolismo. Neste contexto, o lugar deve ser visto como um contínuo dinâmico, pleno de nuances, fragrâncias, simbolismos e identidades. Apoiado em depoimentos, que portam identidades e traduzem culturas pulsantes, busco entender as relações dos indivíduos com seus lugares, que alçam o *mainstream* neste alvorecer do século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: Morro da Conceição; Rua Sacadura Cabral; Lugar.

ABSTRACT: Based on the precepts of Humanistic Geography — Geography field which explores the dramas, joys, enthusiasms and disappointments that have occurred in the lived world, in the scope of man's relations with space — I seek to investigate the power of identity and belonging of some individuals of the city's Port Area, markedly Sacadura Cabral street and Morro da Conceição. The places in focus go through an instigating process of toporrehabilitation, which overflows its impacts on the lived world of individuals, in their links with their places of meaning, full of symbolism. In this context, the place must be seen as a dynamic continuum, full of nuances, fragrances, symbolisms and identities. Supported by testimonials, which carry identities and translate pulsating cultures, I try to understand the relationships of individuals with their places, which raise the mainstream at this dawn of the 21st century.

KEYWORDS: Morro da Conceição; Sacadura Cabral Street; Place.

Em tempos de mudanças cada vez mais rápidas neste alvorecer do século XXI torna-se de suma importância estabelecer uma reflexão sobre lugares, símbolos e indivíduos, sob o prisma da Geografia. Nestes termos, os artefatos criados pelos homens, e os movimentos provocados a partir daqueles, ornamentam e conferem luminosidade a diferentes lugares, em enfoques tão variados quanto os agentes que implementam estes deslocamentos e/ou se põem em movimento. Procurando entender uma urbe que vivencia um processo de intensas metamorfoses e interações, a geografia tem explorado extraordinárias mutações. Vivenciando e tendo em vista estas metamorfoses, no decorrer deste artigo serão abordados recortes da área portuária através das vozes de alguns dos seus indivíduos com seus lugares em transformação, traduzindo mundos de significados, dramas, teias sociais, conflitos e felicidades, que podem produzir, por extensão, lares em mutação.

No tocante aos objetivos deste artigo, em concórdia com o filósofo Jean-Marc Besse (2006, p. 82), acredito que “o geógrafo habita o mundo ao mesmo tempo que procura compreender-lhe as estruturas e os movimentos”. Tendo como norte este preceito, o presente trabalho tem como propósito explorar a dinâmica dos lugares da Área Central do Rio de Janeiro, quais sejam: a rua Sacadura Cabral e o Morro da Conceição. Sabendo que “cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados” (LYNCH, 2010, p. 1), busca-se, a partir das lembranças e significados, a compreensão dos seus lugares. Ao ter como referência as palavras de Claval (2004, p. 21), concomitantemente, o texto busca “estudar as relações complexas que se desenvolvem entre os homens e os ambientes onde eles vivem”. Sob este prisma, o aproveitamento de fragmentos que lance luzes sobre as complexidades do relacionamento do homem com a Terra, que é palco de diferentes mundos, é obrigatório. Em concordância com Werther Holzer (1999, p. 69), que se ampara nas ideias de Tuan (1965), “o mundo é um campo de relações estruturado a partir da polaridade entre o eu e o outro, ele é o reino onde a história ocorre, onde encontramos as coisas, os outros e nós mesmos, e deste ponto de vista deve ser apropriado pela geografia”. Logo, a problematização central deste trabalho reside em enxergar como os indivíduos do Morro da Conceição e da rua Sacadura Cabral estão vivenciando os seus lugares diariamente, um período em que tanto o Morro da Conceição como a Sacadura Cabral estão em grande evidência midiática. Neste contexto, o geógrafo João Baptista Ferreira de Mello (2011, p. 11) contribui ao afirmar que “os

lugares de modismo e as centralidades, em seus mais diversos patamares, podem desabrochar, sofrer uma espécie de torpor ou até mesmo fenecer, ao sabor das oscilações periódicas e de outras injunções”. Desta maneira, nos cumpre investigar os pertencimentos e os elos imbricados entre a população e suas arenas de vida.

Uma humanística e interativa fonte de pesquisa: a experiência como um manancial para a Geografia

O aporte da geografia humanística é extremamente importante nesta leitura proposta, por procurar nos dramas, alegrias, entusiasmos e decepções ocorridos no mundo vivido, a essência das relações do homem com o espaço, traduzindo assim a alma dos lugares. Ou seja, ver como sentimentos, valores, memória, cultura, subjetividade e experiência influenciam na relação homem-lugar, no delimitado recorte espacial. A geografia humanística se aproveita deste manancial, pois é uma corrente do pensamento geográfico que se centra no estudo da complexidade e da ambiguidade das relações entre as pessoas e seus lugares (BALLESTEROS, 1992). Se referindo às ideias de Buttimer, Aurora Ballesteros (1992, p. 13) pondera que “a geografia humanística se pode resumir como uma geografia do mundo vivido, um mundo que é um tipo de superfície topológica pontuada com pontos específicos, cada um dos quais está fechado pela intenção humana, o valor e a memória”. Em consonância com o princípio fenomenológico, o geógrafo espanhol Nogué Y Font (1992, p. 88) traz à baila a importância da subjetividade dos indivíduos para esta análise, ao afirmar que “as relações de tipo sensorial, afetiva, estética e simbólica, que o indivíduo mantém com a paisagem que lhe rodeia, são mais importantes do que parecem ao simples olhar”. Ao ter em mente que “cada pessoa é rodeada de camadas concêntricas de espaço vivido” (BUTTIMER, 1982, p. 178), nos cumpre investigar o simbolismo dos lugares na Sacadura Cabral e Morro da Conceição para os diferentes indivíduos *insiders* e *outsiders*, em seus “mosaicos de lugares” (BUTTIMER, 1982, p. 177) particulares e coletivos.

De acordo com as elucubrações de Douglas Pockock (1981, p. 339), “nosso lugar de nascimento deixa uma marca na maneira como percebemos o mundo”. Tomei estas palavras como rumo, e hoje um rebento da rua Sacadura Cabral procura respostas para reflexões. Segundo Bachelard

(2012, p. 26), “os lugares onde se viveu o devaneio, reconstituem-se por si mesmos em um novo devaneio. É exatamente porque a lembrança das antigas moradas são revividas como devaneios que as moradas do passado são imperecíveis dentro de nós”. Tendo o devaneio como uma aventura ou uma emoção intensa, a rua Sacadura Cabral foi abrigo de devaneios nos períodos iniciais de minha vida. Do complicado parto materno a inúmeras dificuldades pós-natais, o Hospital dos Servidores, localizado no logradouro, fez com que o autor deste texto literalmente viesse e visse o mundo. Novamente citando Pocock (1981, p. 339), “nós somos todos nascidos em um mundo com o senso de lugar, simplesmente porque uma certa parte de nossos sentidos são enraizados para sempre na localidade em que (...) nós primeiramente vimos a luz”. A umbilical relação para com o solo materno é uma grande motivação para o entendimento das atuais metamorfoses do recorte espacial em tela, pois como nos aponta o geógrafo João Baptista Ferreira de Mello (2012, p. 60),

tal como em relação ao primeiro amor, que não se esquece, o lugar de nascimento ou do passado continua a ser lealmente cultuado. Por conseguinte, as experiências em cenários pretéritos são tesouros guardados com muita ternura.

A partir do caminho de investigação proposto para este trabalho, as reflexões buscaram entender a importância que o sentimento de pertencimento dos indivíduos aos seus lugares tem na construção de suas identidades. Em suma, objetivamos, com base em ricos depoimentos, realçar a força das vivências e o poder dos lugares selecionados face às transformações que acontecem nas localidades.

A metodologia utilizada para a elaboração deste artigo se baseou em vasta consulta bibliográfica, com temas vinculados à geografia humanística e referentes à urbe carioca efetivada em bibliotecas tais como as da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ) e a Biblioteca Nacional (BN). Sem algum tipo de delimitação formal, mergulhando no mundo individual e no intermundo¹ dos indivíduos, em uma simbiótica relação sujeito-objeto/objeto-sujeito, foram efetuados contatos diretos com as pessoas que pertencem e fazem o lugar, em visitas constantes ao campo, visando uma completa interação. Como meio de contemplar as geografias existenciais, foram realizadas entrevistas abertas, conversas informais ou

mesmo “bate-papo”, sendo este o caminho percorrido ao longo da dissertação que deu origem a este texto.

As entrevistas e o método fenomenológico são ferramentas de extrema valia na geografia, principalmente na vertente humanística. Seguindo as palavras de Nogue y Font (1992, p. 89),

a fenomenologia nos oferece diversos métodos para explorar e descrever aquilo que confere contexto ao mundo vivido do indivíduo. Para chegar à descrição e ao conhecimento das essências dos fenômenos que estruturam este mundo vivido, os caminhos são múltiplos e variados. Seja qual for escolhido, o método fenomenológico vai nos permitir a descrição do mundo cotidiano da experiência imediata do homem e, em nosso caso, a paisagem que ele vive, sente e experimenta.

O renomado geógrafo espanhol, em sua tese de doutoramento, defendida em 1985, buscou explorar e descobrir os fenômenos do mundo vivido nas paisagens existenciais de cinco diferentes grupos de indivíduos em La Garrotxa, comarca situada a nordeste da Catalunha, na Espanha. Assim como ele, optei por trabalhos de campo experienciais, objetivando o estabelecimento de entrevistas pessoais. Acerca da metodologia dos trabalhos de campo experienciais, contribui Ballesteros (1992, p. 14):

se trata de buscar o conhecimento interpessoal através da imersão em lugares vividos cotidianamente por aquelas pessoas que queremos estudar. Um trabalho deste tipo supõe um lento processo de aproximação com o grupo estudado e o recurso a técnicas utilizadas em outras ciências sociais: a observação participante, entrevistas em profundidade, histórias de vida, dinâmica de grupos, etc., buscando sempre a compreensão empática dos entrevistados e interferindo o menos possível em seus relatos.

Por intermédio do contato direto com as populações locais, ou *insiders*, é construído um arcabouço de informações genuínas sobre as vivências dos indivíduos em seus lugares. Segundo os preceitos da geógrafa Anne Buttimer (1982, p. 175), “devemos consistentemente retornar à experiência direta. Os dados primários para a percepção são tomados de contatos diretos entre corpo e mundo”. Desta maneira, por intermédio destes contatos, foi buscada a compreensão das macroestruturas a partir das pessoas comuns.

No entanto, este fato pode se transformar em uma tarefa bastante árdua, pois como estas entrevistas deverão ser feitas? Uma das vias para atingirmos tal meta é a imersão no mundo vivido dos entrevistados. Como em uma “arqueologia fenomenológica”, busca-se uma escavação do sentido das coisas no contexto da experiência². No primeiro contato ocorre a busca das coisas em si mesmas, procurando a compreensão da experiência, a vivência das pessoas em seu cotidiano, pois como nos lembra o geógrafo francês Paul Claval (2010, p. 124), “o homem não é um espírito que plana acima das coisas e do mundo. Ele tem um corpo, que se insere num ambiente material. Ele vive aqui, agora”. Nesta perspectiva, como nos aponta Alain Bourdin, se apoiando em Schutz, a captura das pessoas em seu cotidiano, em seu espaço de vivência, é fundamental, pois

o lugar que meu corpo ocupa no mundo, meu Aqui é o ponto de partida de minha orientação no espaço (...). Assim também, meu Agora é a origem de todas as perspectivas temporais que me permitem organizar os elementos do mundo nas categorias antes/depois, passado/futuro, simultâneo/sucessivo (SCHUTZ, 1987, pp. 120-121, apud BOURDIN, 2001, p. 35).

Logo, o lugar que o corpo ocupa no mundo traduz muito mais do que uma rele e simples questão de localização. Um lugar porta vivências, simbolismos, “canções que minha mãe ensinou” (WAGNER, 1979, p. 291) e identidades. Nesta seara, Vincent Berdoulay e Nicholas Entrikin (2012, p. 102) afirmam:

é uma contribuição durável do movimento humanista em geografia ter lembrado aos geógrafos a importância essencial dos laços entre o sujeito e seu mundo. Nessa perspectiva, o sujeito e o lugar tornam-se tão inextricavelmente ligados que eles se instituem mutuamente.

A meu ver, uma valiosa chave para o estudo desta interação, entre o indivíduo e o lugar; entre a compreensão da experiência e a vivência das pessoas em lugares cotidianos, é a fenomenologia. Para o geógrafo David Seamon (2000, p. 157),

a fenomenologia é o estudo interpretativo da experiência humana. Sua meta é examinar e clarear as situações humanas, eventos, significados

e experiências assim como elas são conhecidas na vida cotidiana, tipicamente despercebidas no nível de consciência.

Nesta seara, não é partindo de uma posição científica que nós descobrimos o que vem a ser o mundo, que é o mundo das pessoas e da própria existência, “mas localizamos o ponto de partida *retornando-às-coisas-mesmas*, sem mistura de explicações científicas ou dúvidas metódicas” (RIBEIRO JR., 1991, pp. 72-73). Deste modo, para pensarmos fenomenologicamente, trata-se de auto-reflexivamente nos perguntarmos como as coisas aparecem a nós — daí o termo “fenomenologia”, do grego *phenomena*, “aparências” (MATTHEWS, 2010, p. 15). Sabendo que “a fenomenologia desafia cada indivíduo a examinar a sua própria experiência, a tornar-se sujeito mais do que objeto de pesquisa e, então, procurar por denominadores comuns na experiência dos outros” (BUTTIMER, 1982, p. 185), a atitude natural conquista grande destaque e centralidade. Segundo Alain Bourdin, se utilizando das ideias de Schutz, “a atitude natural consiste em suspender qualquer dúvida quanto à existência do mundo exterior” (SCHUTZ, 1987, p. 127, apud BOURDIN, 2001, p. 35). Em referência a esta atitude e ao mundo de relações dos indivíduos, Alfred Schutz pondera:

o mundo da vida cotidiana, o mundo da atitude natural, se dá à nossa experiência e interpretação. Toda interpretação desse mundo se baseia num estoque de experiência anteriores dele, às nossas próprias experiências e aquelas que nos são transmitidas por nossos pais e professores, as quais funcionam como um código de referência” (SCHUTZ, 1979, p. 72).

Em prosseguimento, Schutz (1979) ainda assinala a importância da atitude natural e seu papel intersubjetivo no mundo da vida cotidiana, ou mundo vivido: “para a atitude natural, o mundo é, desde o início, não o mundo privado do indivíduo, mas um mundo intersubjetivo, comum a todos nós [...] O mundo da vida cotidiana é a cena e também o objeto de nossas ações e interações” (SCHUTZ, 1979, p. 73). Ou seja, a atitude natural é a postura mental que uma pessoa assume no lidar comum e na rotina com seus afazeres diários. Sendo uma das essências da fenomenologia, conforme nos aponta David Seamon (1980, p. 149), a atitude natural expressa “a aceitação do despercebido e do inquestionável das coisas e das experiências do mundo vivido”. Ainda segundo o supracitado geógrafo, “imersas na atitude natural,

as pessoas normalmente não examinam o mundo vivido ou mesmo não reconhecem a sua existência” (SEAMON, 1980, p. 149). Assim, na atitude natural, o fenômeno do mundo vivido é simplesmente vivido. Justamente neste ponto reside o seu maior brilho: a espontaneidade. O fluxo de cotidianidades é um rico manancial para o estudo dos lugares na corrente humanística, onde não existe um modelo a ser seguido, existindo, outrossim, um estudo do universo vivido, também conhecido como *Lebenswelt*.

Segundo a geógrafa Anne Buttimer (1992, p. 48), em consonância com o espírito do trabalho, “sobre o horizonte do geógrafo humanista, brilha o desafio, definido por Heidegger [(1954)], de desenvolver um *Be-sinnliches Nachdenken* (deixar a realidade se manifestar por si mesma)”. Todavia, como atingir esta realidade manifestada por si mesma? Segundo o sociólogo Alfred Schutz (1979), para atingirmos tal meta, os atos que na atitude natural são simplesmente vividos devem ser tematizados e feitos tópicos de análise reflexiva, praticando-se a redução fenomenológica. A ferramenta-chave para este processo de redução fenomenológica é a *epoché*. Segundo Schutz,

na nossa vida cotidiana aceitamos sem questionar a existência do mundo exterior, o mundo de fatos que nos cerca. Na verdade, pode ser que duvidemos de qualquer *datum* deste mundo exterior, pode ser até que desconfiemos de tantas experiências deste mundo quantas quisermos, mas a crença ingênua na existência de algum mundo exterior vai subsistir, imperturbável. Mas através de um esforço radical de nossa mente, podemos alterar esta atitude, suspendendo esta crença. Simplesmente, resolvemos impedir que a nossa mente faça qualquer julgamento com relação à existência espacial ou temporal, colocamos a existência do mundo “fora de ação”, colocamos a nossa crença nela “entre parêntesis” (SCHUTZ, 1979, p. 58).

Ao praticar a *epoché*, “colocamos todos os julgamentos do senso comum de nossa vida cotidiana ‘entre parêntesis’” (SCHUTZ, 1979, p. 58). A finalidade desta prática é “o encontro com a totalidade concreta da corrente de nossa experiência, contendo todas as nossas percepções, reflexões, enfim, as nossas cogitações” (SCHUTZ, 1979, p. 58). O próprio termo é derivado da palavra grega *epokhé*, que significa refrear, segurar, conter. Portanto, ao praticá-la, recuamos do nosso envolvimento prático cotidiano com o mundo, de modo a estudar os fenômenos apenas como fenômenos. Assim

fazendo, podemos considerar de maneira mais efetiva as “essências” (MATTHEWS, 2010, p. 20). Enfim, através desta redução fenomenológica, aquilo que é dado na experiência cognitiva é reduzido a seus elementos essenciais, chegando-se ao fenômeno em si, na realidade por si mesma. De acordo com os preceitos de Paul Claval (2004, p. 48),

o mundo que o indivíduo percebe jamais é objetivamente dado. É preciso fazer um esforço para retornar às sensações e desconstruir o que nossa educação nos ensinou; então, e só então, é possível, através de uma descrição crítica e minuciosa das sensações, compreender as coisas como elas são e penetrar na sua verdadeira natureza.

Segundo Anne Buttimer, no tocante à relação com os indivíduos, o humanista deve “emancipar o pensamento e a vida de qualquer das tiranias herdadas ou impostas” (BUTTIMER, 1992, p. 48). Libertando-se do juízo de valor, a vivência e o calor do contato direto devem ser praticados sem mensuração, pois “só podemos interpretar experiências pertencentes a outras pessoas em termos das experiências que nós próprios vivemos delas” (SCHUTZ, 1979, p. 166), ou seja, “posso viver dentro dos seus contextos de significados objetivos somente na medida em que vivencio você diretamente dentro de um relacionamento do Nós atualizado e dotado de conteúdo” (SCHUTZ, 1979, pp. 183-184). Em suma, na relação interpessoal “a compreensão depende de sermos capazes de partilhar algo com a pessoa cujo comportamento estamos tentando compreender, de sermos capazes de ver o mundo de seu ponto de vista” (MATTEWS, 2010, p. 95). Sem mediações, na interação direta com transeuntes/locais busquei a exposição e o entendimento de suas geografias de vida, pautadas em suas ricas, singulares e plurais experiências em seus lares/lugares.

Entrementes, conforme nos aponta o geógrafo Nogué Y Font (1992, p. 90), “o método fenomenológico não pretende oferecer uma mostra quantitativamente representativa da realidade”. Isto significa afirmar que, em virtude deste não apelo à quantificação, a busca pela exponencialidade e singularidade de discursos e depoimentos não zelará pela sua quantidade e tamanho de depoimentos, mas sim pela significância e tradução de realidades e experiências.

A decodificação geográfica de diferentes trajetórias espaciais: o indivíduo em cena na área portuária

No tocante a desfraldar um dos espaços e lugares mais característicos do Rio de Janeiro, de secular tradição e na ordem do dia para turistas e legiões de cariocas neste milênio, cumpre-nos vivenciar o Morro da Conceição, ocupado nos primeiros anos de colonização sob as bênçãos de Nossa Senhora da Conceição, onde lugares se fundem com experiências pessoais e interpessoais. Os caminhos de investigação para esta interação com os indivíduos do Morro da Conceição e de outros pontos da Área Portuária foram outrora anunciados: trabalhos de campo experienciais objetivando o estabelecimento de entrevistas pessoais. Entretanto, realço a busca por tentar oferecer não uma mostra quantitativa representativa da realidade, mas sim uma mostra qualitativa. Ou seja, a busca pela exponencialidade e singularidade de discursos e depoimentos não zelará pela sua quantidade e tamanho de depoimentos, mas sim pela significância e tradução de realidades e experiências.

Tendo como diretrizes as palavras de Denis Cosgrove (1998, p. 108), “os múltiplos significados das paisagens simbólicas aguardam decodificação geográfica”, se tornam instigantes a visualização da vivacidade e da criatividade dos sujeitos nos espaços e lugares, e o entendimento de como “os ambientes humanos se tornam extensões do nosso próprio corpo” (BERQUE, 1999 apud CLAVAL, 2004, p. 51). Neste nicho, um significativo depoimento ilustra esta conectividade: “o pessoal daqui não costuma chamar esta praça pelo nome dela mesmo, não. Chamamos é de praça da santinha. É mais fácil, não é? Não tem a Nossa Senhora lá mesmo?”, considerou um senhor na elevação em curso, no dia 20 de dezembro de 2012. A praça, situada à frente da Fortaleza da Conceição, recebeu esta toponímia em 1929, em homenagem a um austríaco que modernizou o serviço geográfico militar (GERSON, 2000, pp. 144-145). No entanto, conforme fora visto, para a população local este logradouro é vernaculamente conhecido como “praça da santinha”, em reverência à imagem de Nossa Senhora da Conceição, demonstrando empatia, zelo e devoção com este perímetro coletivo, que se desvela como um lugar para os visitantes e, sobretudo, para os que estabelecem vínculos afetivos com seus domínios. Hoje, a praça serve de palco não para a entrada de armamentos na Fortaleza, como fora projetada originalmente, séculos atrás, mas para reuniões populares da Banda da Conceição e do bloco Escravos da Mauá, que, em mágicas

coreografias, integrantes da dança-do-lugar³, congregam a população do Morro e do “asfalto” em efusivas e sonoras reuniões. A polivocalidade das formas do lugar evidencia a pluralidade de significados e de interpretações distintas que enriquecem o cenário em tela, percorrido no dia-a-dia pelas pessoas do Morro da Conceição e mesmo por turistas ocasionais (CORRÊA, 2007).

O sentimento familiar apregoado ao lugar e sua relação com a estátua de Nossa Senhora da Conceição confluem para os apontamentos de Mello (2012, p. 64), ao sinalizar que “o lugar transcende a materialidade, mas não está desassociado desta, pois aos objetos os homens atribuem significados que são construídos na vivência individual ou dos grupos”, ou seja, no contexto da experiência das pessoas, a imagem se funde à praça, como algo único e indissociável.

No tocante às celebrações que se desvelam nesta porção espacial, sagrada para muitos, contribui um outro indivíduo, com as seguintes palavras: “no dia da festa de Nossa Senhora, todo mundo vem pro Morro, até quem já saiu. É o dia mais importante do Morro. Pode ver como tá lotado de gente nesta praça, que tá toda enfeitada com flores”⁴. Neste depoimento é externada a sua opinião acerca da festa de Nossa Senhora da Conceição, “o dia mais importante do Morro”. A praça ostenta um simbolismo tão vultuoso que nela se concentra o ponto alto da festa de Nossa Senhora da Conceição, com procissão, orações e distribuição de flores, que congregam não apenas os moradores do Morro da Conceição, mas também pessoas que vem de fora, em todo dia 8 de dezembro de cada ano. Neste plano, se configuram, a cada ano, “itinerários simbólicos” (CORREA, 2012), em que, nesta data em específico, uma procissão toma de gente os principais logradouros do Morro da Conceição.

Nesta trilha, nas muitas andanças realizadas sob as luzes da Área Portuária, outras conversas com transeuntes se revelaram portadoras de muitos significados. Em uma noite de outubro de 2012⁵, num diálogo com um motorista de carro em um ponto de ônibus na Avenida Rodrigues Alves, junto ao antigo terminal rodoviário Mariano Procópio, seus comentários ilustraram realidades pungentes. Ao ser indagado sobre as mudanças que a Área Portuária vem atravessando, o motorista assinala: “nunca vi isto nesta parte da cidade... falam da derrubada da Perimetral, da construção de museus, de novas calçadas. Isto é bom, né?! Esta área era muito abandonada”. Neste momento, um outro motorista que estava também no ponto pondera: “agora isto aqui está virando um bairro”. Os relatos traduzem as ansiedades

vivenciadas por estes indivíduos. As falações canalizam para um mundo tido como mais confortável. Entretanto, caminhando ao encontro desta estupefação dos indivíduos, quais seriam as raízes da diferencialidade desta área que, embora atravesse um processo de toporreabilitação, se diferencia tanto dos outros pontos da cidade, que são — conforme o motorista afirma — “bairros”?

Nas palavras dos motoristas, um bairro ganha expressão como tal quando recebe zelo e melhoramentos por parte do Poder Público. As promessas sinalizam para metamorfoses e a construção de artefatos que serão ricos para o cotidiano e a erudição dos moradores dos domínios em questão. A simples garantia com vistas à derrubada de um viaduto (que viria a ocorrer em 2015) que enfeia o entorno já faz com que o motorista afirme: “isto aqui está virando um bairro”, muito embora possa se supor que a via tenha sido por ele utilizada em diversas oportunidades, uma vez que a mesma “corta caminho” na cidade. Sabemos que o centro da cidade do Rio de Janeiro traz em seu bojo uma heterogeneidade bastante peculiar e característica. Vários tempos se entrecruzam, passado e presente estão lado a lado. Nestas condições, a chegada dos prometidos objetos geográficos destinados ao melhoramento da cidade estará em combinação com o restante do centro da urbe carioca.

Nesta perspectiva, ao longo do tempo, um espaço com múltiplas faces foi gestado e consolidado nesta Área Central da cidade. No tocante a essas áreas de obsolescência, pautados em uma análise de suas formas e funções, podemos visualizar universos de ressignificações e de persistências bastante próximos uns dos outros. As principais artérias de circulação que cortam os bairros da Área Portuária carregam símbolos e vestígios de épocas passadas, como se remontassem parte de sua secular geografia nos poucos metros de extensão das fachadas de suas edificações. Conforme aponta Kevin Lynch (2010, p. 56): “as fachadas com características especiais são importantes para a identidade do sistema viário”, conferindo uma tonalidade e atmosfera de outrora, de tempos idos, para os logradouros que as possuem. Mais do que isso, as fachadas expressam tempos diversos que merecem zelo. Substanciando esta observação, Gaston Bachelard (2012, p. 28) afirma que “em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço”. O geógrafo Milton Santos (2001) trabalhou o conceito de rugosidade⁶ e os bairros da Área Portuária possuem elementos que podem ser analisados sob este prisma. Eles não remontariam a um modo de produção pretérito, mas sim a um “modo-de-vida” e através de

seu conjunto de fixos podemos entender a temporalidade deste cotidiano. Os marcos espaciais a que chamamos de rugosidades permanecem como vestígios de tempos passados. Rugosidade é um conceito advindo da geomorfologia. Trata-se de forma rugosa, atinente à ruga da paisagem, mas não algo necessariamente deteriorado e sim combinado a novas e atuais formas com funções variadas. Por outro lado, João Baptista Ferreira de Mello em seus ensinamentos nas ruas do Rio conceitua como testemunhos geográficos as edificações e marcas do passado. Desta maneira, estas referências espaciais diferenciadas (ou não) passam a ser reconhecidas e estimadas. Ao longo de experiências históricas, atores hegemônicos coordenaram e ordenaram políticas urbanas na Área Central da cidade. Os bairros da Saúde e Gamboa se configuraram em áreas de expurgo, ou com o decorrer do desenvolvimento capitalista na cidade, em áreas opacas e periféricas (SANTOS, 1994) se comparadas ao seu entorno imediato.

Segundo afirmara em passagem anterior, as impressões da população que vive nesta área são imprescindíveis para a nossa análise. Em outubro de 2012⁷, uma moradora da rua Sacadura Cabral destaca a sua perspectiva a respeito das obras e do logradouro onde vive,

estas obras vão mudar a área do porto para melhor, eu acho. Na Sacadura Cabral podemos ver um monte de coisa legal que surgiu nestes últimos anos, como restaurantes, casas de show, iluminação, que pode até mesmo melhorar mais ainda. Antes não tinha nada aqui. O legal é que aqui tem movimento tanto de dia quanto de noite. Vem muita gente de fora, mas gente ordeira, de paz. Fico mais tranquila para esperar meu filho chegar do serviço à noite.

A moradora externara, de maneira até mesmo radical, que “antes não tinha nada aqui”. Com as mudanças e chegada de novos estabelecimentos e pessoas de diversas procedências há “movimento tanto de dia quanto de noite. Vem muita gente de fora. Mas, gente ordeira de paz”. A mesma diz mesmo ficar “mais tranquila para esperar” o filho “chegar do serviço à noite”, contribuindo para o seu bem-estar. As palpações da rua onde reside são emblemáticas e atraem pessoas de fora, instigadas pelas mudanças as quais a rua atravessa. Concernente a uma abordagem geográfica e factual, desvendemos estas facetas da rua, palco de vida e admiração de indivíduos.

Em sintonia com o que apontara a moradora, o logradouro em análise apresenta intensas movimentações no transcorrer do dia. No período diur-

no, geografias ensolaradas contemplam uma circulação constante de pessoas e de automóveis ao longo de toda a Sacadura Cabral. Na rua pulsa “um monte de coisa legal que surgiu nestes últimos anos, como restaurantes, casas de show, iluminação, que pode até mesmo melhorar mais ainda”, tanto no trecho da Saúde — revelando um dinamismo intenso por conta da proximidade da Praça Mauá — como no trecho da Gamboa, sendo caracterizada como um traçado eminentemente comercial, pleno de funções tradicionais e típicas da área periférica do Centro, como borracharias, mercados de médio e pequeno porte, bares e biroskas, oficinas mecânicas, cutelaria, hotéis de alta rotatividade, pensões, dentre outros, presentes no seu percurso total. Nestas condições, a rua ostenta uma funcionalidade peculiar a uma área periférica ao centro, no que tange às funções e à movimentação de veículos e pessoas.

Em complementação ao parágrafo anterior, geografias lunares se desfraldam no espaço com esplendor. Conforme a moradora explanou, ao longo do logradouro funcionam áreas de extrema luminosidade. Nesta galeria figuram ações de requalificação da Área Portuária. Neste plano podem ser citados exemplos como boates e outras casas de espetáculos diversos, para que a música eletrônica e sambas de raiz sejam ouvidos por pessoas que chegam a estas casas de diversas direções, seja ao nível do Rio de Janeiro ou além-mar.

Conclusão

Contrariando os que acreditam no fim da cidade, dos encontros e dos simbolismos, onde “cada um que passeia, corre, senta-se no chão ou fala sozinho na indiferença de todos os que com ele se cruzam” (AGIER, 2011, p. 113), no Morro da Conceição temos uma sensação de diferencialidade, onde a concórdia e a forma amistosa de lidar com o outro parecem estar suspensas no ar, ofertando-nos um clima de segurança e acolhida. Em consonância com as ideias de Edward Relph (1976, p. 34), “as pessoas são os seus lugares e o lugar é o seu povo”, ou seja, em termos conceituais e de experiência, por se revelarem imbricados, não são facilmente diferenciáveis. Logo, sabendo que um indivíduo não é distinto de seu lugar, ele é esse lugar (RELPH, 1976), conclui-se que a cidade não pode ser analisada sem o cidadão, que o Morro da Conceição depende da vitalidade dos moradores do Morro e que a Área Portuária se insere no *mainstream* devido à vida de relações existente nesse perímetro.

À guisa de um arremate final ou introdutório, em uma das entrevistas livres realizadas num passado recente — no dia nove de julho de 2011 —, ao conversar sobre as significações do Morro da Conceição com um morador, o mesmo comentou: “o Morro da Conceição parece pequeno, mas é muito grande”. Nesta concepção, procurando aprofundamento na subjetividade da resposta, convém fazermos um paralelo entre a cartografia e o depoimento. Se cartograficamente o Morro da Conceição possui reduzidas proporções, para este indivíduo trata-se de um universo esplendoroso, detentor de um relicário de memórias, presente e, quiçá, futuro, “o ponto zero do sistema de coordenadas que atribui ao mundo a fim de se movimentar dentro dele” (SCHUTZ, 1979, p. 299). Ou melhor, o Morro é o seu lar-e-mundo, é o seu universo dotado de uma expressiva grandiosidade, tão extenso quanto o seu mosaico de experiências no lugar. Lugar que traz em seu bojo relações identitárias que podem tanto se retrair como se intensificar, face o atual processo de toporreabilitação do Morro da Conceição. O que vale também para a rua Sacadura Cabral e arredores.

Notas

1 Segundo o geógrafo João Baptista Ferreira de Mello, que se apoia nas elucubrações de Merleau-Ponty, o intermundo é o mundo do “diálogo entre a pessoa e o meio ambiente, em termos de herança sociocultural, e o papel assumido no mundo vivido de cada dia” (MELLO, 1990, p. 97).

2 Esta observação foi colhida de Eduardo Marandola Jr., em mesas redondas ocorridas em setembro de 2011, durante o Seminário Geografia e Fenomenologia, na Universidade Federal Fluminense (RJ).

3 Este é um conceito criado originalmente por David Seamom, na obra *Body-subject, time-space routines and place-ballets* (1980, p. 159), pertinente a uma característica peculiar que cada lugar vivido pode vir a apresentar, mediante uma fusão de muitas rotinas espaço-temporais e de balés do corpo em termos de espaço.

4 Entrevista realizada no dia 8 de dezembro de 2012.

5 Entrevista realizada em 5 de outubro de 2012.

6 Milton Santos (2001, p. 173) expõe que “rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço”. O espaço é, portanto, um testemunho, pois ele “testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada” (SANTOS, 2001, p. 173).

7 Entrevista realizada em 10 de outubro de 2012.

Referências bibliográficas

- AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**. Lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2012. (Coleção Tópicos).
- BALLESTEROS, Aurora G. Las aportaciones de la geografía humanística. In: BALLESTEROS, A. (Org.). **Geografía y humanismo**. Barcelona: Oikos-Tau, 1992.
- BERDOULAY, Vicent; ENTRIKIN, J. Nicholas. Lugar e sujeito: Perspectivas teóricas. In: MARANDOLA, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. **Qual o espaço do lugar?**: Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BOURDIN, Alain. **A Questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BUTTIMER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.
- _____. A Paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagem, Textos e Identidades**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- _____. **Terra dos homens: a geografia**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CORRÊA, R. L. Formas Simbólicas e Espaço, Algumas Considerações. **Revista Geographia**, Niterói, v. 9, n. 17, 2007.
- _____. Espaço e simbolismo. In: CASTRO, I. E. CORREA, R. L. GOMES, P. C. C. **Olhares Geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- COSGROVE, D. A Geografia Está em Toda Parte: Paisagem e Simbolismo na Geografia Humana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- GERSON, Brasil. **História das ruas do Rio**: e da sua liderança na história política do Brasil, 5. ed., Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.
- HOLZER, W. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro. v. 4, n. 7, pp. 67-78, jul./dez. 1999.
- LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- MATTHEWS, Eric. **Compreender Merleau-Ponty**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 52, pp. 91-115, 1990.
- _____. **A Humanística Perspectiva do Espaço e do Lugar**. **Revista ACTA Geográfica**, n. 9, pp. 7-14, 2011.
- _____. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA, Holzer, Oliveira.

- Qual o espaço do lugar?:** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- NOGUEY FONT, J. El paisaje existencial de cinco grupos de experiencia ambiental. Ensaio metodológico. In: BALLESTEROS, A. (Org.). **Geografía y Humanismo**. Barcelona: Oikos-tau, 1992. pp. 87-96.
- POCOCK, D. C. D. Place and the novelist. **Transactions of the Institute of British Geographers**, New Series, 6, pp. 337-247, 1981.
- RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.
- RIBEIRO JUNIOR, João. **Fenomenologia**. São Paulo: Pancast, 1991.
- SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Edusp, 2001.
- SCHUTZ, A. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Edição e organização Helmut T.R. Wagner. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SEAMON, D. Body-subject, time-space routines and place-ballets. In: BUTTIMER, A.; SEAMON, D. **The human experience of space and place**. New York: St. Martin's Press, 1980.
- SEAMON, D. A way of seeing people and place: Phenomenology in environment-behavior research. In: WAPNER, S. et al. (Ed.). **Theoretical Perspectives in Environment-behavior research**. New York: Plenum, 2000, pp. 157-178.
- TUAN, Yi-Fu. Environment and world. **Professional Geographer**, v. 17, n. 5, 1965.

Recebido em 28/05/2016

Aprovado em 30/03/2017